

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”  
LES0135 - ECOLOGIAS DO ARTIFICIAL E DO SIMBÓLICO**

Heloisa Pasetto Simonetti 9817056  
Sophia Messa 9867261

# **TECNOPÓLIO**

NEIL POSTMAN

Trabalho apresentado na disciplina LES 0135 -  
Ecologias do Artificial e do Simbólico,  
ministrado pelo professor Dr. Antônio Ribeiro  
de Almeida Junior.

Piracicaba - SP  
2020

# 1. NEIL POSTMAN E O TECNOPÓLIO

Neil Postman, nascido em 8 de março de 1931, educador americano, teórico da mídia e crítico social que contribuiu com os estudos de mídia, crítico analítico de tecnologia e filosofia da educação. Ficou conhecido por sua crítica social quanto à comunicação de massa, especialmente televisão, no que diz respeito aos seus efeitos no desenvolvimento da mente das crianças (LLORENTE, 2020). Começou a sua carreira acadêmica no campo da literatura inglesa, passando depois pela linguística. Foi professor de "*media ecology*" e diretor do departamento de cultura e comunicação da universidade de Nova York. (TEÓFILO, 1998). Neil Postman faleceu em 5 de outubro de 2003, devido a um câncer de pulmão.

"*Teaching as a subversive activity*" foi sua primeira obra de sucesso, tendo a importância de fazer com que o meio acadêmico lhe dedicasse mais interesse. Postman passou a atrair atenções provenientes de quadrantes além das suas fronteiras universitárias, com o livro "*Amusing ourselves to death*", em 1985, obra que relaciona a evolução dos meios de comunicação com a decadência da cultura, e como o discurso público o acompanhou (TEÓFILO, 1998). Neil apresenta em suas obras uma perspectiva fortemente influenciada pelos canadenses Marshall McLuhan, teórico e educador da comunicação, e Harold Innis, economista político, examinando os padrões de pensamento e formas de organização social que são moldados pelos meios de comunicação (LLORENTE, 2020).

Do ponto de vista de Llorente (2020), Postman demonstra pensamento e a cultura no livro "*Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*" (1992), chamando atenção para seus efeitos muitas vezes não percebidos anteriormente. Sendo particularmente crítico do que denominou de *tecnopólio*, ou a divinização da tecnologia, que resulta em instituições sociais e práticas que entregam sua soberania à tecnologia. Dessa forma, explica que o Tecnopólio

Consiste na deificação da tecnologia, o que significa que ele [indivíduo] procura sua autorização na tecnologia, encontra sua satisfação e recebe ordens da tecnologia. [...] Aqueles que se sentem mais confortáveis no tecnopólio são as pessoas que estão convencidas de que o progresso técnico é a realização suprema da humanidade e o instrumento com o qual podem ser solucionados nossos dilemas mais profundos. Também pensam que a informação é uma bênção pura, que com sua produção contínua e não controlada e sua disseminação oferece mais liberdade, criatividade e paz de espírito. O fato de que a informação não faz nada disso – mas sim o contrário – parece mudar poucas opiniões, pois essas crenças resolutas são um produto inevitável da estrutura do tecnopólio. (POSTMAN, 1994, p. 79)

Silva, Grimaldi e Fell (2013) demonstram que o tecnopólio passa a ser, um estado de cultura, tendo seus próprios dogmas e misticismos, impondo o rumo e o ritmo de vida às sociedades humanas e, por meio dele, a burocracia, a especialização e a técnica tornam-se

o principal meio pelo qual o homem é reconhecido socialmente. Os autores apontam ainda que tal sociedade tecnopólita cria uma espécie de amnésia sobre o passado, em que tudo é substituído pelas abordagens e variáveis tecnicistas. Como se as visões e os princípios, que antes eram fundamentados em hábitos e valores tradicionais, fossem afetados no seu modo de refletir acerca do que se constitui verdade mediante a realidade enraizada e disseminada como senso cultural.

[...] As novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como “conhecimento” e “verdade”; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real (POSTMAN, 1994, p. 22).

De forma que a tecnologia sobrepõe a tradição de uma sociedade, percebe-se a imposição da necessidade de inovação constante e de grande volume contínuo de informação, que não é necessariamente direcionada a alguém. Com isso, o soberano passa a ser a tecnologia e a sociedade humana seu servo. Na visão de Postman (1994), durante o tecnopólio:

"A informação tornou-se uma espécie de lixo, não apenas incapaz de responder às questões mais fundamentais, mas também pouco útil para dar uma direção coerente a solução de problemas mundanos... O meio em que floresce o tecnopólio é um meio em que foi cortado o elo entre informação e o propósito humano, isto é, a informação aparece de forma indiscriminada, dirigida a ninguém em particular, em enorme volume e em altas velocidades, e desligada de teoria, sentido ou propósito." (Postman, 1994, p. 78)

## 2. OBRA E A SOCIEDADE

Neil Postman aborda em muitos de seus escritos a relação das mídias com a cultura e o modo de vida americano, apontando a interferência destas esferas sobre a educação. Publicou dezoito livros no total, dentre eles os traduzidos para a língua portuguesa “*O desaparecimento da infância*”, “*O fim da educação*” e “*Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*”.

Suas publicações, mesmo realizadas a décadas, demonstram características próximas às vivenciadas nos dias atuais. O autor classifica, em sua obra “*Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*”, a sociedade em três tipos, dependendo o modo com que ela se relaciona com as técnicas e tecnologias, outros autores fazem a mesma distinção, porém utilizam nomenclaturas distintas. Ortega y Gasset em 1939 demonstra as três eras em: tecnologia do acaso, tecnologia do artesão e tecnologia do técnico. Mumford, em 1934, define as fases em: eotécnica, paleotécnica e neotécnica, já Mitcham, em 1989, associa as fases de acordo com a forma que a sociedade interage, classificando assim em: ceticismo

antigo, otimismo ilustrado e desassossego romântico (BARBOSA; MARCELINO; BAZZO, 2012).

Postman considera essa classificação em relação às sociedades, as que usam ferramentas, as tecnocracias e os tecnopólios, apontando a relação entre elas simultaneamente em diferentes pontos do planeta estudados, uma vez que todos partem do primeiro aspecto de usuário da ferramenta, mesmo que essa prática demonstra-se escassa nos dias atuais (BARBOSA; MARCELINO; BAZZO, 2012). A Tecnocracia, formada da relação mais imediata do ser humano com as técnicas, foi alavancada com o aparecimento do relógio mecânico, proporcionando uma nova relação indivíduo x tempo; a prensa tipográfica de Gutenberg, que atacou a epistemologia da tradição oral; e o telescópio de Galileu, desafiando a teologia judaico-cristã da época. Uma vez que “as ferramentas não são integradas à cultura, elas atacam a cultura” (POSTMAN, 1994, p. 38).

Tais ferramentas, segundo Barbosa, Marcelino e Bazzo (2012), mudaram as concepções e aspirações humanas uma vez que alteraram a concepção do homem quanto suas necessidades, visto que, as tecnologias não são criadas para suprir necessidades, mas sim criam-se necessidades para suprir as novas tecnologias desenvolvidas. Tal processo é complementado pelo Tecnopólio, uma vez que ocorre “a submissão de todas as formas de vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia” (POSTMAN, 1994, p. 61). Assim, o ser humano perde seus valores antigos, quanto a questões religiosas, familiares, culturais e sociais sendo substituídas por uma nova ética, voltada para quesitos competitivos e egocêntricos.

Para cada crença, hábito ou tradição do Velho Mundo havia e ainda há uma alternativa tecnológica. Para a oração, a alternativa é a penicilina; para as raízes da família, a alternativa é a mobilidade; para a leitura, a alternativa é a televisão; para a restrição, a alternativa é a gratificação imediata; para o pecado, a alternativa é a psicoterapia; para a ideologia política, a alternativa é o apelo popular estabelecido por meio da pesquisa científica de opinião (POSTMAN, 1994, p. 63).

Postman aponta que tais sociedades enxergam na ciência e na tecnologia uma perspectiva salvacionista para curar doenças, produzir alimentos, encurtar distâncias. Entretanto, a dúvida é quanto se essas soluções são comuns a todos os seres humanos ou somente para determinadas classes sociais.

### 3. ESTAMOS VIVENDO NO TECNOPÓLIO?

No contexto atual, observa-se que não há disputa entre humanistas e cientistas mas entre tecnologias e pessoas, de forma que essa tecnologia demonstra-se como amiga leal e inimiga, uma vez que seu crescimento descontrolado destrói fontes vitais de nossa humanidade. Criando uma cultura sem base moral, minando processos mentais e relações sociais que tornam a vida digna de ser vivida, uma vez que cria uma ideia catastrófica

quando vista como salvadora na guerra ou na paz, sendo um fardo para a sociedade (MOLINA, 2020).

Molinas (2020) aponta que os indivíduos do século XXI são altamente tecnófilos e enxergam apenas o que a tecnologia faz para melhorar e não o que ela desfaz, uma vez que, tecnologias radicais criam novas definições para velhos termos, ocorrendo, na maioria das vezes sem que a sociedade perceba. Outro ponto a ser considerado é que as novas tecnologias dissolvem o monopólio de conhecimentos de uma tecnologia mais antiga e criam um novo, o uso da internet alavanca o conhecimento de quem sabe usufruir da mesma, no entanto ela influencia e massacra aqueles que não dispõem de sua utilização, pois tal tecnologia não está distribuída por igual dentro da sociedade.

Vivemos em uma era que os indivíduos idolatram a tecnologia, todas as pessoas dispõem-se a mover suas energias para alcançar as novas ferramentas, que dizem facilitar a vida cotidiana. A cada dia um novo aparelho é desenvolvido, a cada semana aparece uma novidade no mercado e assim o poder e a competitividade para consumir tais equipamentos e plataforma cresce de forma acelerada, evidenciando o desequilíbrio social, mas isso ocorre por vontade própria do indivíduo ou a sociedade essa propensa a essa competitividade devido ao capitalismo e a compunção do tecnopólio?

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Leila Cristina Aoyama; MARCELINO, Leonardo; BAZZO, Walter Antonio. O TECNOPÓLIO DE POSTMAN VEM CONTAMINANDO A EDUCAÇÃO ATUAL? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 3., 2012, Ponta Grossa - Pr. O TECNOPÓLIO DE POSTMAN VEM CONTAMINANDO A EDUCAÇÃO ATUAL?. Ponta Grossa: Educação Científica e Tecnológica - Ppgect, 2012. p. 1-12. Disponível em: <http://www.sinect.com.br/anais2012/html/artigos/ciencia/12.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2020.

DA SILVA, Marcela Lino; GRIMALDI, Stphanie Sá Leitão; DE ALBUQUERQUE FELL, André Felipe. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. **Navus-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 3, n. 2, p. 202-206, 2013.

DOS SANTOS PEREIRA, Eduardo. INCONSCIENTE COLETIVO CIBERNÉTICO singularidade tecnológica na era da internet das coisas. **Complexitas-Revista de Filosofia Temática**, v. 5, n. 1, p. 36-46, 2020.

LLORENTE, Renzo. **Neil Postman**: educador americano, teórico da mídia e crítico social. Educador americano, teórico da mídia e crítico social. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Neil-Postman>. Acesso em: 07 dez. 2020.

MOLINA, Sílvia Maria Guerra. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Vídeo, 2020. 32 slides, color. LGN 478 e 479 – Genética e Questões Socioambientais.

NORONHA, Ceci Vilar. O desaparecimento da infância. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1397-1399, Oct. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000500038&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500038&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 Dec. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000500038>.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

TEÓFILO, Fernando. Quando a cultura se rende à tecnologia segundo Neil Postman. **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 1998.